



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal Folha de S. Paulo**

**Palácio do Planalto, 10 de outubro de 2007**

**Presidente:** Eu queria só dizer o que eu penso do momento que nós estamos vivendo.

**Jornalista:** Não quer deixar isso para quando eu falar de economia não, o senhor quer falar?

**Presidente:** Não, não. Eu só quero fazer uma introdução para depois você saber como é que a minha cabeça pensa. Bem, eu acho que é importante que a sociedade brasileira atente, com muito carinho, para o que está acontecendo no Brasil. Eu, hoje, sou um homem convencido de que o Brasil se encontrou enquanto nação. O que é o Brasil se encontrar enquanto nação? É que eu acho que o Brasil está determinado a ocupar um lugar que é seu na história. Nós tivemos chances enormes no século XX e não conseguimos fazer. Não se trata de procurar culpados, ou quem foi o culpado ou não. O trato é que todos nós fomos vítimas de o Brasil não ter aproveitado a chance quando foi, durante tantas décadas, o País que mais cresceu no mundo, quando foi o País do Milagre Brasileiro, quando foi o País da época do JK, quando foi o País da época do Getúlio Vargas. Nós criamos chances extraordinárias de dar um salto de qualidade e paramos, como foi o Plano Real.

**Jornalista:** Mas por que parou, Presidente? Por que não tem uma coisa do custo? O Juscelino fez uma coisa importante, mas deixou como custo a inflação. No regime militar teve o Milagre, mas teve como custo a dívida externa. Esses saltos, esse progresso não continuou, por que também a conta



não tinha que ser paga de alguma maneira?

**Presidente:** Eu acho que as pessoas pensam muito no curto prazo. Não era o caso dos militares, porque não tinha eleição, eles não tinham que estar preocupados com a eleição. Mas tinha eleição de deputado, tinha eleição de governadores. Por que eu estou dizendo isso? Eu estou dizendo isso, Kennedy, porque desde 2003, quando nós decidimos fazer o esforço que nós fizemos, e foi um esforço gigantesco, eu fiz uma opção muito clara, eu tinha muito capital político e portanto, eu poderia gastar uma parte do capital político para poder fazer o ajuste fiscal que nós fizemos. Todo mundo que entende de economia sabe que no começo me trataram como louco por ter feito aquele ajuste fiscal. Mas ele foi necessário para dar base para a gente mostrar seriedade interna e externa.

Eu sempre defendi a idéia de que o Brasil não precisa, de forma alucinada, ficar procurando um crescimento de 10%, de 8%, de 9% ou de 11%. O Brasil precisa é ter um ciclo grande de crescimento, que seja de 5%, que seja de 6%, que seja de 4,7%, que seja de 5,5%, mas que seja uma coisa duradoura, para que todos os segmentos da sociedade possam se programar a partir daí.

**Jornalista:** Mas, Presidente, hoje o Brasil está vivendo um bom momento econômico. Então, o senhor acha que a raiz disso foi aquela decisão que o senhor tomou em 2003?

**Presidente:** Eu acho que a raiz disso... Eu vou lhe contar dois episódios. Faltavam 15 dias para as eleições municipais de 2004, quando todos os meus companheiros pediam que eu intercedesse junto ao Banco Central para que não aumentasse a taxa de juros. E eu disse ao Banco Central que ele tinha que fazer o que era preciso fazer.



**Jornalista:** Foi quando começaram aqueles assuntos?

**Presidente:** Ele aumentou a taxa de juros faltando 15 dias para as eleições municipais. Por quê? Porque eu tomei a decisão de que não era possível a gente brincar com a economia. Está tudo muito bem, mas se você dá um passo em falso e comete um erro, para consertar esse erro que você cometeu num dia, às vezes leva anos e às vezes não conserta. Então, eu penso que essa construção do ajuste que nós fizemos em 2003 e o sacrifício, foi muito sacrifício, foi penoso.

É importante lembrar que no dia 1º de maio de 2004 eu não fui ao ato de 1º de Maio, porque nós não tínhamos dado o reajuste para o salário mínimo e eu me sentia mal, internamente eu me sentia mal. Agora, era preciso fazer isso para que a gente pudesse recuperar a possibilidade de, no futuro, começar a recuperar o salário mínimo. Essa foi uma coisa importante.

A outra coisa importante, Kennedy, foi a decisão nossa de fazer uma mudança na política externa. Por tudo que eu conhecia de política externa quando presidente do PT, quando dirigente sindical ou quando pessoa interessada na política externa, eu fui para Davos no dia 25 de janeiro de 2003, recém-empossado, voltei de Davos e comentei com o Celso Amorim: Celso, eu acho que a gente pode mudar a geografia comercial do mundo. A gente não pode ficar a vida toda dependendo dos dois principais blocos do mundo, União Européia e Estados Unidos. Então, é preciso que o Brasil se transforme numa nação, primeiro, que possa polarizar a política internacional. Segundo, nós temos tamanho para isso, temos dimensão econômica para isso, temos competência política para isso e, depois, nós temos parceiros interessados em combinar conosco esse jogo. Vamos fazê-lo, vamos tornar mais plural a nossa relação política, a nossa relação comercial, que vai se abrir um campo enorme para o Brasil. Tudo isso agora está permitindo que a gente possa vislumbrar



uma colheita mais duradoura das coisas que nós plantamos.

**Jornalista:** É esse ciclo mais duradouro que o senhor falou? Em 2003, o senhor tomou uma decisão dura, o ajuste fiscal, que está na raiz, que é a base para esta situação de hoje. No segundo mandato, Presidente, tem uma combinação de aumento de gasto público. O senhor não acha que esse aumento de gasto público pode criar uma bomba-relógio para o sucessor do senhor? Ele não pode comprometer isso que o senhor está falando, porque o senhor fez o ajuste e está colhendo? O senhor não está afrouxando demais agora, Presidente?

**Presidente:** Não, não. Kennedy, eu quero contribuir com o Brasil desmistificando essa coisa do gasto público com investimento público. Primeiro, porque a máquina pública precisa funcionar, porque se ela não funcionar as coisas não andam e, aí sim, você terá um gasto público. Qual é o gasto público? É não fazer as coisas que você precisa fazer no tempo que você tem que fazer. Eu vou te dar dois exemplos claros: de vez em quando eu me pergunto: quanto custou para o Brasil não fazer a reforma agrária no período em que todos os países do mundo fizeram? A segunda pergunta é: quanto custou para o Brasil não alfabetizar o povo na década de 50? O custo disso é infinitamente mais caro do que o custo de ter investido corretamente no tempo certo.

**Jornalista:** A economia não vai fugir ao controle?

**Presidente:** Não vai.

**Jornalista:** Se o senhor tiver que tomar uma decisão impopular novamente, tomará, se necessário?



**Presidente:** Eu vou dizer uma coisa para você, Kennedy. Eu sempre parti do pressuposto de que um governo precisa administrar as finanças do País como um trabalhador administra as finanças da sua casa. Você, primeiro, só pode gastar o que tem. Segundo, na hora em que você tiver que fazer um endividamento, você tem que olhar no horizonte do tempo a possibilidade de cumprir aquela meta. Veja, as pessoas falam do gasto público, mas as pessoas se esquecem que nós tomamos uma decisão de, até 2010, investir 504 bilhões de reais em infra-estrutura, as pessoas se esquecem que nós tomamos a decisão de diminuir a dívida pública brasileira, diminuir o déficit público brasileiro. Obviamente, Kennedy, que se você quiser que a máquina pública funcione, você precisa ter as pessoas certas no lugar certo. Eu vou te dar um exemplo.

**Jornalista:** A minha preocupação é que isso não fuja ao controle, não vá inviabilizar o futuro.

**Presidente:** Veja, deixe-me contar-lhe uma coisa. O meu maior sonho e a única coisa que eu prezo mais é o seguinte: eu quero deixar para o próximo presidente que tomar posse, no dia 1º de janeiro de 2011, um Brasil mais arrumado, um Brasil mais desenvolvido, um Brasil mais moderno e um Brasil melhor administrado. Agora, de vez em quando eu vejo as pessoas falarem: “Está contratando gente”. Veja Kennedy, o DNIT, que toma conta deste território imenso, tem um engenheiro para fazer projeto de ponte. Então, ou nós contratamos engenheiros, ou nós contratamos técnicos especializados, ou você toma a decisão e as coisas não funcionam. Nós vamos entregar o Brasil para o meu sucessor, em 2011, com 10 universidades federais novas, com 48 extensões universitárias funcionando e com 214 escolas técnicas a mais. Isso pressupõe contratar professores, contratar técnicos administrativos, contratar



gente de ensino médio. Ou nós fazemos isso ou vamos ver o que saiu ontem na reportagem: “Um preso custa em média 1.500 reais por mês, enquanto o trabalhador honesto ganha 380 reais de salário mínimo”.

**Jornalista:** O que o senhor aprendeu sobre a burguesia brasileira nesses anos de poder, que o senhor não sabia ou não conhecia?

**Presidente:** Eu acho que aprendi uma lição importante. Quando você é dirigente sindical ou dirigente partidário, você tem um lado definido e só faz discurso para aquele lado. Quando você chega à Presidência da República, embora você continue tendo um lado – porque eu sei de onde eu vim e sei para onde eu vou voltar – você precisa ter a competência de governar para todo mundo, sem discriminação.

**Jornalista:** Mas essa burguesia surpreendeu positivamente ou negativamente?

**Presidente:** Não, eu acho que ela continua sendo a burguesia que sempre foi.

**Jornalista:** Que é qual, na sua opinião?

**Presidente:** Ela é uma burguesia que está sempre querendo mais, é uma burguesia competente do ponto de vista político. Na política nós estamos percebendo que a burguesia, muitas vezes, tem mais competência para fazer barulho do que a esquerda fez, historicamente, mas eu estou satisfeito. Estou satisfeito porque a minha relação é boa, a minha relação com o empresariado brasileiro é muito boa, da minha parte não existe preconceito contra quem quer que seja, tenho consciência de que eles estão ganhando dinheiro no meu governo como nunca ganharam na vida.



**Jornalista:** Isso incomoda o senhor?

**Presidente:** Não, não me incomoda porque eu sei que, com eles ganhando dinheiro, vai ter mais investimento, vai ter mais geração de emprego, vai ter mais salário. Quando eles estão mal, o resultado é mais desemprego, mais miséria. Então, eu quero contribuir. De vez em quando alguém tenta fazer uma piadinha comigo: “É, mas os bancos não estão ganhando muito?” Eu digo: é mais barato eles ganharem muito e é muito mais caro quando eles perdem, porque aí tem que criar um Proer e tem que dar dinheiro público para eles. Então, eu prefiro que a economia funcione tranqüila. Eu quero todo mundo ganhando dinheiro neste País. Afinal de contas, nós somos um país capitalista e eu quero que todo mundo ganhe dinheiro.

**Jornalista:** Quais são as diferenças entre o Lula presidente de 2003 e Lula presidente de 2007? Ele está mais sozinho, ele é mais centralizador? Por exemplo, não tem o Dirceu e o Palocci, tão importantes, como tinha no primeiro mandato. Como é esse presidente, o presidente que começou em 2003 e o presidente de 2007?

**Presidente:** Não existe possibilidade de um presidente estar sozinho, Kennedy. A quantidade de gente em volta do presidente é muito grande. Eu diria que hoje eu sou um homem muito mais maduro, muito mais consciente, muito mais determinado e compreendedor das coisas que tem que fazer. É por isso que nós queríamos lançar o PAC em outubro do ano passado. Eu tomei a decisão de não lançar porque eu não queria confundir o PAC com a questão eleitoral. Eu tinha consciência de que eu ganharia as eleições sem o PAC, e deixei para lançar o PAC no dia 22 de janeiro. Depois que nós lançamos o PAC, eu descobri o quê? Que era preciso lançar e fazê-lo funcionar porque, normalmente, na história do Brasil, as coisas são anunciadas e não acontecem.



**Jornalista:** Mas, no começo do primeiro mandato, tinha aquela coisa: o czar da economia é o Palocci, o czar da política é o Dirceu. Isso acabou.

**Presidente:** Mas é porque vocês gostam de criar essas coisas. Eu não vou brigar.

**Jornalista:** Aquilo não era real?

**Presidente:** É lógico que não era real. Kennedy, deixe-me contar uma coisa para você. Em qualquer regime presidencialista... eu, de vez em quando, fico vendo as pessoas dizerem “tal ministro é forte, tal ministro é forte”. Ministro forte cai. Quem é forte no regime presidencialista é o presidente. Eu só acho isso, Kennedy: não existe ministro forte, existe governo forte. E o presidente da República é, na verdade, o resultado dessa fortaleza do governo.

**Jornalista:** No primeiro mandato do Fernando Henrique, ele disse que governar era fácil. No segundo mandato, ele afirmou que se arrependia de ter dito aquilo. O Ulysses Guimarães dizia que o poder era afrodisíaco. Pergunto para o senhor: quem estava certo, o FHC do primeiro mandato ou do segundo mandato? E o senhor concorda com a definição do Ulysses?

**Presidente:** Veja, eu acho que governar não é fácil. Tomar decisões como presidente da República nem sempre é fácil, porque muitas vezes você tem o choque de interesses do Estado com os interesses de uma parte da sociedade. Muitas vezes você tem que tomar decisões sobre divergências entre dois ministros, muitas vezes você tem que tomar decisões pressionado por interesses econômicos. Então, é muito difícil governar. Agora, o que eu acho que o Fernando Henrique Cardoso deveria ter dito, e não sei se ele queria dizer





isso, é que não é impossível governar. Para governar bem, é preciso que você tenha determinação de fazer as coisas acontecerem.

**Jornalista:** E esse poder tem um lado afrodisíaco mesmo, como o Ulysses Guimarães dizia? Tem horas em que o senhor se sente assim: “eu sou poderoso”?

**Presidente:** Eu acho que tem, não pelo fato de sentir que sou poderoso. Não pelo lado sexual, mas pelo lado da adrenalina que toma conta de você.

**Jornalista:** Mas tem por quê?

**Presidente:** Porque você vive por conta disso, porque você não vai mais a um restaurante, você não vai mais a uma festa, você não vai a mais nada, você vive por conta disso, e isso te motiva. Às vezes, eu ligo à noite para os ministros cobrando as coisas, ou seja, isso aqui toma conta da gente.

**Jornalista:** Dá energia?

**Presidente:** Dá energia. Veja, esse é um desafio do segundo mandato. Você está lembrado de que eu tinha muitas dúvidas sobre o segundo mandato. E por que eu tinha muitas dúvidas? Porque eu sempre achei que no segundo mandato você começava a entrar com a mesmice, e aí você ia cansando. Eu me encontrei com o Fernando Henrique Cardoso no enterro do Frias, estava comentando com ele sobre o segundo mandato, e ele falou assim para mim: “você vai ver depois do segundo ano, quando as pessoas já estão pensando no sucessor”. Então, eu tomei a decisão de que eu preciso fazer o segundo mandato mais gostoso do que o primeiro, mais motivador do que o primeiro, e eu adquiri consciência de que eu quero chegar ao final do meu mandato com



os políticos querendo que eu suba em palanque. Não tem nada pior do que você chegar ao final, sendo recusado pelos teus aliados. Você imagine o presidente da República não poder ir a um comício porque ninguém quer que ele vá.

**Jornalista:** Se esse Lula chegar lá muito forte, não pode despertar uma onda queremista, “Lula 2010”? Eu sei que o senhor já negou que em 2010... Mas por que as pessoas não acreditam que o senhor não vá tentar a re-reeleição em 2010?

**Presidente:** Porque no Brasil muita gente não quer levar a política a sério. Eu, Kennedy, tenho consciência de que a alternância do poder é uma coisa educadora para a construção da democracia no País, tenho consciência de que não existe ninguém insubstituível.

**Jornalista:** O senhor está vacinado contra essa tentação?

**Presidente:** Não existe hipótese, para o bem do Brasil, para o bem da democracia e para o meu bem. Não existe hipótese. E depois, não estou falando isso agora porque eu sou presidente, não, Kennedy. Em 1978, eu fui eleito presidente do Sindicato dos Metalúrgicos com 92% dos votos. Convoquei uma assembléia e aprovei que o presidente não poderia ser presidente por mais de dois anos, por mais de dois mandatos, porque eu acho que é bom isso.

**Jornalista:** Presidente, no período do senhor na Presidência, obviamente, o senhor se arrepende de alguma decisão que tenha tomado ou que tenha deixado de tomar?



**Presidente:** Kennedy, é difícil dizer que a gente se arrepende de alguma decisão que tenha tomado ou não, porque as decisões são tomadas em momentos históricos, de circunstâncias muito específicas...

**Jornalista:** Naquele momento o senhor achava que era o correto a fazer?

**Presidente:** Naquele momento era o correto. Você pode, depois de dois anos, achar que não era, mas foi correto naquele momento. Então, eu não acho que eu deva me arrepender de nada que eu fiz até agora.

**Jornalista:** Não que o senhor se arrependa, mas que decisão naquele momento lhe pareceu correta e que hoje o senhor tem uma revisão, uma crítica a respeito dela, que o senhor faria diferente? Não é caso de arrependimento, mas o que o senhor faria diferente, aos olhos de hoje?

**Presidente:** Eu estou fazendo diferente. O que nós fizemos neste segundo mandato? Depois do PAC, eu decidi que todos os ministros deveriam apresentar a proposta da sua política até 2010, que alguns chamam de PAC. O PAC é o PAC, o restante são políticas setoriais. E o que eu estou notando? Estou notando que os ministros estão infinitamente mais preparados. As coisas apresentadas para mim são extraordinárias.

**Jornalista:** Mas é por que o senhor está cobrando, é isso? Cobrando mais?

**Presidente:** É porque eu estou cobrando mais e porque eles aprenderam mais também. Uma coisa que eu queria criar no primeiro mandato, e não criei, foi a TV pública nacional. No fundo, no fundo, eu acho que o Brasil precisa de uma TV internacional.



**Jornalista:** Não há risco de a TV Pública virar a LulaNews?

**Presidente:** Não existe essa possibilidade, até porque eu não gosto disso, Kennedy. Não está na minha formação política essa coisa. Primeiro, porque é importante que você tenha um canal público como têm todos os países desenvolvidos do mundo. Segundo, que seja uma coisa neutra, que seja uma coisa pública, realmente. Eu quero uma coisa pública, eu não quero uma coisa para mim. Eu quero uma coisa que, daqui a 30 anos, esteja funcionando bem. Por quê? Porque os exemplos que nós temos de televisão pública criada e utilizada em benefício das pessoas não deram certo.

**Jornalista:** Presidente, nesses anos todos de poder, o que deu mais trabalho ao senhor no governo?

**Presidente:** O que dá mais trabalho a um presidente da República é fazer as coisas acontecerem.

**Jornalista:** Tirar do papel, é isso?

**Presidente:** Tirar do papel.

**Jornalista:** Tomar uma decisão e vê-la executada.

**Presidente:** É muito difícil, sabe por que, Kennedy? Porque nós criamos marcos regulatórios complicados. Hoje, no Brasil, o olhar, por exemplo, de um jornalista, quando uma obra demora a sair, é o Ibama. Agora, as pessoas se esquecem de duas coisas. Primeiro, o Ibama está subordinado a uma legislação, segundo, o Ibama está subordinado à fiscalização do Tribunal de Contas e do Ministério Público. Nós mudamos agora, mas se você fosse do



Ibama, desse uma licença prévia para uma obra, e o Ministério Público entrasse com uma ação contra você, a primeira providência seria seus bens serem indisponibilizados. Então, o que você faz?

**Jornalista:** Joga na retranca.

**Presidente:** Não dá. Por quê? Porque eu digo sempre o seguinte: o governo é um trem que passa de vez em quando; a máquina pública é a estação. Ela está lá. Vem governo, vem trem mais barulhento, vem trem mais tranquilo. A máquina pública está lá. Então, ela sabe o seguinte: tal coisa vai me comprometer, eu não vou fazer. Nós, agora, decidimos que a Advocacia-Geral da União tem que defender os servidores públicos que têm essa função, porque senão o cara da Caixa não libera crédito, o cara do Banco do Brasil não libera crédito, o cara do Ibama não dá licença prévia.

**Jornalista:** Presidente, o senhor já descartou trabalhar para mudar a Constituição e concorrer em 2010. No entanto, o senhor descarta voltar a ser candidato a presidente da República no futuro, em 2014 ou 2015? O senhor descarta?

**Presidente:** Não, Kennedy. Em política, querido, seria infantil da minha parte dizer que eu vou decidir o meu destino em 2014. Eu tenho uma filosofia que aprendi com a minha mãe: “rei morto, rei posto”. Eu me lembro que o Juscelino Kubitschek imaginava voltar depois, e não voltou. Então, eu não posso trabalhar, em momento nenhum, com essa hipótese na minha cabeça, porque isso seria o meu fracasso. Essas coisas, se tiverem que acontecer, a conjuntura política do momento vai indicar. Até porque, Kennedy, eu quero dar um exemplo de ex-presidente. Eu quero deixar a Presidência da República e não vou dar palpite sobre economia, não vou dar palpite sobre o governo.



**Jornalista:** Vai conseguir se segurar?

**Presidente:** Vou conseguir.

**Jornalista:** O senhor, que gosta tanto de falar, vai conseguir?

**Presidente:** O problema do governo é um problema do governo. Eu quero contribuir para que um ex-presidente da República não seja palpiteiro. Ele já teve a sua chance, fez o que pôde fazer, deixa o outro fazer.

**Jornalista:** O senhor apóia a emenda constitucional que acaba com a reeleição? Está em tramitação no Congresso, há um projeto do Jutahy Magalhães, avançado. O senhor acha que seria bom? Não estou falando de reforma política, não. Estou falando dessa emenda. Responda-me se apóia ou não.

**Presidente:** Eu vou responder. Um mandato de quatro anos é muito pouco, Kennedy. Se você discutir acabar com a reeleição e você tiver um mandato de cinco ou seis anos para dar para um presidente da República contribuir...

**Jornalista:** Essa idéia o senhor apóia, então?

**Presidente:** Vamos ver. Eu vou te dar um exemplo...

**Jornalista:** Apóia ou não apóia?

**Presidente:** Deixe-me contar uma coisa aqui para você entender. Veja, você toma posse em 2007. Vamos supor que fosse o meu primeiro mandato, dia 1º



de janeiro. No primeiro ano do mandato, o presidente da República não faz nada, porque o orçamento foi comprometido. No segundo ano, quando ele começa a fazer, tem eleições municipais. Seis meses antes ele não pode fazer convênio com nenhuma prefeitura, é um ano morto. Então, ele já tem um ano e meio morto. Depois ele tem o outro ano para governar e o outro ano é eleição. Então, um mandato de quatro anos, no Brasil, é quase inadministrável. Então, o que eu acho? Vamos acabar com a reeleição e vamos, então, aumentar o mandato do presidente.

**Jornalista:** O senhor apóia essa idéia, então, Presidente?

**Presidente:** Apóio. Durante toda a campanha eu dizia que era contra a reeleição. Agora, é preciso aumentar o mandato. Se não aumentar o mandato, é melhor ficar a reeleição. Eu sei que para a oposição é ruim, porque a oposição sempre acha um mandato mais longo difícil, uma reeleição difícil. Mas, de qualquer forma, é importante que um presidente da República tenha a possibilidade de concluir um projeto.

**Jornalista:** Presidente, o senhor fala muito em candidatura única dos partidos aliados que sustentam o seu governo, em 2010. Não seria melhor lançar vários candidatos do seu campo e apoiar aquele que chegasse no segundo turno? Ou o senhor julga que é mais competitiva uma união, já no primeiro turno, apresentar um nome e transformar numa disputa plebiscitária entre oito anos de governo Lula e oito anos de governo Fernando Henrique?

**Presidente:** Kennedy, com todo o respeito à pergunta, tem gente que acha ruim o fato de você ter vários candidatos. Eu tenho uma base aliada. Todo o meu esforço será para que a gente tenha uma candidatura única da base aliada.



**Jornalista:** Mas de que partido?

**Presidente:** Esse é um sonho, é um desejo. Se ele vai se concretizar, eu não sei.

**Jornalista:** Mas é por que é mais competitivo, Presidente?

**Presidente:** É porque se tiver quatro candidatos no campo do governo, o governo vai ficar imobilizado.

**Jornalista:** O senhor vai ter menos liberdade para apoiar um ou outro?

**Presidente:** Não só eu. O governo vai ficar imobilizado. Então, daqui a pouco está o PT brigando com o PMDB, que briga com o PSB, que briga com o PCdoB, que briga com o PR, que briga com o PDT. Daqui a pouco nós ficamos brigando entre nós...

**Jornalista:** Perde a eleição.

**Presidente:** ...e deixamos os nossos adversários tranquilos. Então, nós precisamos fazer a briga interna, construir a possibilidade, porque você tem cargo de presidente, vice-presidente, dois senadores, governadores de estados, ou seja, você tem cargo para todo mundo. Essa é a idéia: construir.

**Jornalista:** Agora, o seu partido, o PT, não topa deixar de lançar candidato à Presidência.

**Presidente:** Eu acho que é normal que todo mundo ache que tem que ter





candidato. Agora, entre achar e fazer tem uma diferença muito grande.

**Jornalista:** O senhor vai tirar licença para fazer campanha se tiver um candidato só? É mais fácil, né?

**Presidente:** Eu não posso decidir.

**Jornalista:** O senhor falou para os líderes lá...

**Presidente:** A verdade é a seguinte: quando você faz um comentário, possivelmente se você estiver ótimo, vai ajudar os candidatos, exercendo o mandato de Presidente. Não tem nada melhor para ajudar os meus aliados do que o governo estar bem. Se o governo estiver bem, eu posso continuar fazendo as viagens internacionais e deixar as eleições correrem. Se o governo estiver mal – porque muitas vezes pode acontecer de o governo estar mal e o presidente estar melhor do que o conjunto do governo – aí, sim, eu vou tomar a decisão, no momento, do que fazer.

**Jornalista:** Presidente, eu queria uma palavra ou uma definição muito rápida sobre algumas personalidades, para a gente poder destacar, o que o senhor pensa, de forma muito sucinta. Getúlio Vargas.

**Presidente:** Eu acho que passa para a história como o presidente que marcou a indústria nacional.

**Jornalista:** Juscelino Kubitschek.

**Presidente:** Eu acho que passa para a história como o mais leve dos presidentes que nós tivemos.



**Jornalista:** Fernando Henrique Cardoso.

**Presidente:** O Fernando Henrique Cardoso, eu acho que é um homem extremamente... primeiro, meu amigo pessoal. Segundo, é um homem que teve todas as chances para fazer deste País uma coisa extraordinária, vacilou...

**Jornalista:** E o senhor fez o que ele não fez? O senhor disse na Record.

**Presidente:** ... e não fez o segundo mandato como deveria fazer. Ele perdeu, no segundo mandato, o que construiu com o Plano Real.

**Jornalista:** Ciro Gomes.

**Presidente:** Olha, o Ciro Gomes é uma figura de quem eu aprendi a gostar. Leal, companheiro, é um homem que eu tenho na mais extraordinária conta.

**Jornalista:** Dilma Rousseff.

**Presidente:** A Dilma é a grande surpresa. A Dilma Rousseff, eu estou convencido de que é um dos quadros mais extraordinários que este País tem, como gerente.

**Jornalista:** Marta Suplicy.

**Presidente:** A Marta Suplicy, eu acho que demonstrou muita competência na Prefeitura de São Paulo. Eu acho que a Marta perdeu, pelas coisas boas que fez.



**Jornalista:** Jaques Wagner.

**Presidente:** O galego é meu companheiro, meu irmão de luta.

**Jornalista:** Tarso Genro.

**Presidente:** O Tarso é uma figura, hoje, imprescindível para o governo.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque o Tarso é um companheiro que tem flexibilidade de conversar com todos os segmentos da sociedade, transa bem essa questão da Justiça e eu estou muito satisfeito.

**Jornalista:** Patrus Ananias.

**Presidente:** O Patrus é a cara de Minas Gerais no governo, ou seja, é um homem que está fazendo um trabalho extraordinário, um trabalho, muitas vezes, não reconhecido, mas o resultado a gente vê quando vai à rua.

**Jornalista:** Fernando Pimentel.

**Presidente:** Eu acho que é um quadro excepcional.

**Jornalista:** Aécio Neves.

**Presidente:** O Aécio é outro mineiro. Eu considero o Aécio um companheiro, tenho uma boa relação com o Aécio. É um menino preparado, politicamente jeitoso. Eu acho que é uma grande figura.



**Jornalista:** Se ele entrasse no PMDB, o senhor o apoiaria para a Presidência da República?

**Presidente:** Não sei, querido. Se ele entrasse no PMDB e fosse candidato da base...

**Jornalista:** Apoiaria?

**Presidente:** Não teria problema nenhum.

**Jornalista:** Não tem problema nenhum? O senhor apoiaria?

**Presidente:** Agora, é preciso saber se a base quer.

**Jornalista:** Serra.

**Presidente:** Olha, eu tenho uma boa relação com o governador Serra. Eu acho que o Serra é um homem de bem, tenho mantido com São Paulo uma boa relação, e eu tenho fé em Deus que vou contribuir mais com o Serra do que o Fernando Henrique Cardoso contribuiu com o Covas.

**Jornalista:** Nelson Jobim.

**Presidente:** Ele é uma grande figura. O Nelson Jobim, a minha relação com ele é da Constituinte, é um homem de bem, uma figura muito competente. Eu já queria trazê-lo para o governo antes. Eu acho que veio na hora certa.

**Jornalista:** Sérgio Cabral.



**Presidente:** Olha, é uma extraordinária surpresa. Eu dizia, durante a campanha, e vou dizer agora: o comportamento do Sérgio Cabral e o comportamento do governo federal estão permitindo que a gente tenha, talvez, a melhor relação da história entre o governo federal e o governo do Rio de Janeiro.

**Jornalista:** Presidente, eu vou entrar agora em uma área mais espinhosa.

**Presidente:** Mais tenebrosa.

**Jornalista:** Mais. Vamos lá.

**Presidente:** Pergunte, meu filho. Não tem problema.

**Jornalista:** O governo do senhor, Presidente, repete e até acentua a cultura da fisiologia política, distribuindo cargos e emendas parlamentares como forma de manter parlamentares fiéis. Teve essa rebelião dos franciscanos...

**Presidente:** Essa eu não sei. O que são os franciscanos?

**Jornalista:** Os franciscanos são os senadores do PMDB, lá do Senado, que querem chinelinho, o pessoal do chinelinho e tal. O senhor desistiu de romper com a fisiologia?

**Presidente:** Kennedy, uma coisa é a política real, outra coisa é a interpretação que vocês dão à política real. E eu quero explicar isso. Veja, primeiro, nós estamos num governo de coalizão e isso não vale para o Brasil, isso vale para o mundo. Se você olhar a Angela Merkel, ela ganha as eleições e monta uma



composição com o SPD.

**Jornalista:** Mas é correto condicionar o voto no Congresso à recepção de um favor, de cargo?

**Presidente:** Não é correto condicionar o voto, e aqui não se trabalha assim. Quando eu propus aos partidos políticos uma coalizão, é justo que você monte o governo com base na coalizão que você tem. Ora, se você tem que preencher uma centena de cargos públicos, uma dezena de Ministérios, você tem que montar com as partes que te apóiam. O que não é correto é você montar com o PT e ficar pedindo voto para os outros. Vamos pegar o que eu fiz agora na questão dos portos. O que eu fiz? Eu tirei os portos do Ministério dos Transportes, coloquei na mão do ministro Pedro Brito, que virou secretário Especial dos Portos, e dei a palavra de ordem: não quero partido dentro dos portos. Chore quem chorar, doa a quem doer, resmungue quem resmungar. Eu quero técnicos. Eu quero transformar os portos brasileiros numa coisa, se não tão perfeita, quase próxima ao porto de Amsterdam.

**Jornalista:** Mas o senhor fez isso porque a ingerência política era negativa, Presidente?

**Presidente:** Eu fiz isso, não porque era negativa. É porque não era tão produtiva quanto eu queria que fosse. Agora, eu estou citando um setor delicado, um setor importante para o desenvolvimento do Brasil. Então, Kennedy, a democracia pressupõe isso: a convivência democrática...

**Jornalista:** Entregar a direção da Caixa para político, por exemplo, um banco?

**Presidente:** Não, você não entrega a direção da Caixa para político, não. A



direção da Caixa Econômica é escolhida por uma companheira que é da Caixa Econômica há 30 anos.

**Jornalista:** O Maguito Vilela está lá.

**Presidente:** A direção do Banco do Brasil é entregue a um presidente que é do Banco do Brasil. Noventa por cento dos cargos, 99% dos cargos são cargos de carreira.

**Jornalista:** Mas não foi a escolha do Maguito. O partido indicou o Maguito.

**Presidente:** Isso não impede que você coloque um senador da República para cuidar de uma parte que se chama Diretoria de Relação de Governo. Ora, quem melhor pode se relacionar com prefeitos e governadores do que um homem que foi governador, que foi vereador, que foi senador da República?

**Jornalista:** Em 2002, José Dirceu defendeu uma aliança formal com o PMDB como necessária para garantir governabilidade no primeiro mandato. No segundo mandato, o senhor optou por essa aliança formal. Foi um erro não ter feito essa aliança lá em 2002, Presidente?

**Presidente:** Ela não aconteceu porque não estava madura, Kennedy. Eu não me casei com a Marisa quando eu quis casar. Eu me casei com a Marisa quando ela concordou em se casar comigo. Então, aliança é assim. Aquele momento não estava maduro. Você há de convir que o PMDB estava dentro da aliança com o Fernando Henrique Cardoso e que muita gente do PMDB não tinha amadurecido a vinda para o governo.

**Jornalista:** Mas o Dirceu estava convencido...



**Presidente:** Ele estava convencido, obviamente, e era uma atitude correta dele. Afinal de contas, o José Dirceu é um animal político da maior grandeza. Mas não foi possível.

**Jornalista:** Eu sei, Presidente. Mas olha, nos bastidores, os amigos do Dirceu dizem que uma das origens do mensalão teria sido esse erro. Por quê? Porque o Dirceu teve que buscar votos no varejo fisiológico, com legendas como PP, PL, que hoje virou PR, PTB, quando podia ter feito no atacado um acordo com o PMDB.

**Presidente:** Kennedy, a gente não pode menosprezar a política pela sigla. Quando a pessoa é eleita, toma posse...

**Jornalista:** Mas é um partido grande.

**Presidente:** ...cada deputado ali tem um voto.

**Jornalista:** Isso não teve nada a ver com o mensalão?

**Presidente:** Não teve nada a ver.

**Jornalista:** Em 2005, o senhor fez um discurso na TV, dizendo que se sentia indignado e traído no caso do mensalão, mas nunca mencionou os nomes dos traidores. Recentemente, o senhor disse ao *New York Times* que não via “qualquer evidência de que o Dirceu tivesse praticado os crimes de que é acusado”. O senhor exclui Dirceu dos traidores?

**Presidente:** Nem eu vi, nem a Justiça viu ainda.





**Jornalista:** O Procurador viu e o Supremo abriu uma ação por corrupção ativa e formação de quadrilha.

**Presidente:** Ninguém viu ainda, Kennedy.

**Jornalista:** O Procurador acusou, Presidente.

**Presidente:** Deixe-me falar uma coisa. Isso tem um processo que começou com uma acusação, teve o julgamento na Câmara, teve a interpretação do Ministério Público e teve a aceitação da Suprema Corte para fazer o processo investigatório...

**Jornalista:** Mas eles pensam diferente. Eles viram as evidências.

**Presidente:** Mas nem todo mundo que é indiciado é condenado. E nem todo mundo que não é indiciado, é inocente.

**Jornalista:** O senhor exclui o José Dirceu da lista de traidores?

**Presidente:** Eu não citei nome de traidores porque eu acho que a traição...

**Jornalista:** Eu não estou pedindo para o senhor citar. Eu estou pedindo para o senhor falar: ele é um traidor?

**Presidente:** Eu não acho que o José Dirceu seja um traidor. O José Dirceu foi um quadro político importante para o governo. O José Dirceu contribuiu de forma extraordinária para o governo. Na hora em que o José Dirceu cometeu erros políticos, o José Dirceu deixou o governo e foi para a Câmara.



**Jornalista:** O senhor acha que o Procurador-Geral da República e o STF agiram sob pressão política ao analisar a questão do mensalão?

**Presidente:** Eu não acho que uma instituição possa trabalhar sob pressão política. Não posso acreditar que trabalhe sob pressão política. Agora, se essa pressão política é exagerada, ela pode influenciar as pessoas porque os caras são seres humanos.

**Jornalista:** Mas o senhor acha que houve pressão?

**Presidente:** Eu não acho que houve pressão, porque o ministro da Suprema Corte e o Procurador-Geral da República não podem ceder a pressão. É como se o juiz de futebol anulasse cada apito que desse quando os jogadores corressem para cima dele.

**Jornalista:** O Roberto Jefferson disse que quando informou o senhor do mensalão, o senhor teria enchido os olhos d'água, se curvado como se tivesse levado um golpe. Foi essa a sua reação?

**Presidente:** Eu não comento o Roberto Jefferson, Kennedy.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Eu não comento.

**Jornalista:** Mas não é legítima uma pergunta que...

**Presidente:** Não merece que eu faça comentários sobre o Roberto Jefferson.



**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque eu não quero fazer. Só isso.

**Jornalista:** O senhor não acha que é um direito da imprensa fazer essa pergunta?

**Presidente:** É um direito, mas também não é um direito meu dizer que não quero comentar?

**Jornalista:** Mas um presidente não pode dar uma satisfação a respeito disso, que foi tão rumoroso?

**Presidente:** Porque eu não acredito nisso.

**Jornalista:** O senhor não acredita que houve mensalão?

**Presidente:** Veja, é preciso provar.

**Jornalista:** O senhor não acredita que houve mensalão?

**Presidente:** Não é que eu não acredite. É que tem uma denúncia que está num processo de apuração.

**Jornalista:** Mas o senhor falou que não acreditava, Presidente. Eu quero saber o que o senhor pensa sobre isso.

**Presidente:** É um processo que eu quero que seja julgado. Quem praticou o



mensalão, se alguém praticou, se alguém deu ou alguém recebeu, vai ser condenado. Os que não praticaram vão ser inocentados.

**Jornalista:** Mensalão, nesse sentido do uso do dinheiro público para comprar apoio...

**Presidente:** Eu acho que quando vocês... até agora não tem prova de nenhum centavo de dinheiro público.

**Jornalista:** Visanet...

**Presidente:** Até agora não tem nada provado. Tudo é um caso só...

**Jornalista:** Aquela coisa da Visanet que foi para o Marcos Valério?

**Presidente:** Tudo é um processo, Kennedy. Vamos aguardar o julgamento.

**Jornalista:** Eu quero ouvir o senhor.

**Presidente:** Vamos aguardar o julgamento. O presidente da República não faz o papel do Poder Judiciário nem faz o papel da Polícia Federal. A única coisa que eu posso dizer para você é o seguinte: imaginar que o Luizinho, líder do governo na Câmara, que foi acusado de ter pego 20 mil reais, que participava de um mensalão é, no mínimo, acreditar em Papai Noel.

**Jornalista:** Mas ele pode ter pego os 20 mil reais por um compromisso de campanha dele, por uma coisa dele, não sei. Por que é acreditar em Papai Noel? É por que ele é petista e votaria com o governo, é isso?



**Presidente:** Não, é porque ele tinha obrigação de votar com o governo.

**Jornalista:** Eu sei, mas independentemente disso, ele não podia estar recebendo um financiamento ilegal, Presidente?

**Presidente:** Bom, se houve financiamento ilegal, então, é outra história. É um crime eleitoral que as pessoas têm que pagar por ele. Até porque as pessoas deveriam ter prestado contas na sua campanha eleitoral.

**Jornalista:** Quando o senhor, publicamente, chama o ex-tesoureiro do PT de “nosso Delúbio”, os aloprados de “meninos”, isso não soa que o senhor está sendo condescendente com crimes que foram cometidos, Presidente? Não é uma cordialidade, esse estilo do senhor não passa uma mensagem imprópria para um presidente e permite episódios semelhantes, como o dossiêgate, por exemplo, que mesmo após o mensalão houve uma coisa que avançou o sinal?

**Presidente:** O engraçado é que o dossiêgate acabou. A Justiça fez um julgamento e matou o assunto.

**Jornalista:** É, mas até hoje não se conhece a origem do dinheiro.

**Presidente:** Até hoje não se conhece a origem da divulgação das fotos. O dado concreto é o seguinte, Kennedy: este País é regido por instituições democráticas. Se a gente parte do pressuposto de que um cidadão qualquer pode fazer as afirmações que ele entenda sobre as pessoas, e por mais que essa pessoa prove que não tenha cometido o crime, a pessoa não acredita, você vai colocando a democracia em questão. Tudo neste País que merece um processo vai para a Justiça.



**Jornalista:** Essa inversão do ônus da prova preocupa o senhor?

**Presidente:** É lógico que preocupa. O acusador é que precisa provar. Eu vou contar só um episódio que não precisa publicar não. Eu me lembro quando a Folha de São Paulo publicou uma matéria de que eu tinha vendido um carro superfaturado em 1991...

**Jornalista:** Um Omega?

**Presidente:** Um Omega. Você estava comigo na época, eu me lembro. Aí eu liguei para o velho Frias e falei: Frias, isso é uma mentira. A matéria saiu, foi o Josias quem fez. No domingo eu pego a Folha de São Paulo e tem, no caderno de carros, um carro igual ao meu, vendido por 42 milhões. Eu liguei para o Frias e falei: Frias, vocês estão fazendo propaganda de um carro? Aí abri um processo. Você sabe que eu ganhei o processo, foi pouco, 30 ou 40 mil reais. Demorou 10 anos para eu ganhar. Então, o que eu acho é que quem acusa também precisa provar. Porque, senão, fica muito difícil, Kennedy.

**Jornalista:** Presidente, o senhor se queixou, numa reunião ministerial, de a imprensa ter divulgado que a Telemar investiu 10 milhões numa pequena empresa, da qual o seu filho Fábio é sócio. O senhor considerou uma intromissão indevida na esfera privada. No entanto, quando uma concessionária de serviço público faz um negócio desse tipo, o presidente não deveria se explicar publicamente, Presidente?

**Presidente:** Primeiro, vamos ser muito corretos. Qual era a acusação feita? A acusação feita era de que a empresa era uma concessão pública. A empresa é privada e, como empresa privada, pode tomar dinheiro emprestado de qualquer banco, como ela tomou do BNDES.



**Jornalista:** Mas o senhor não acha que ela faz isso interessada em melhorar a relação com o presidente?

**Presidente:** O fundo de pensão, que alegaram na época que... nem participa da administração porque não podia participar da administração.

**Jornalista:** Mas ela não fez interessada em melhorar uma relação com o presidente? O senhor não quer que... é um direito da opinião pública, que incomodou o senhor na época: “Estão invadindo a minha esfera privada”.

**Presidente:** Não me incomodou, na época, e nem incomodou o meu filho.

**Jornalista:** Não incomodou?

**Presidente:** Não incomodou. Se vocês pensam que essas coisas me incomodam, não me incomodam porque eu tenho consciência das coisas que foram feitas e tenho consciência da disputa que foi feita. Porque ganhou a Telemar, mas quem queria pagar era a Brasil Telecom.

**Jornalista:** A do Daniel Dantas?

**Presidente:** A Brasil Telecom que queria pagar. O dado concreto...

**Jornalista:** O senhor considera que foi um negócio legítimo?

**Presidente:** Legítimo, normal e eu acho que os detratores do meu filho poderiam fazer a investigação e fazer a denúncia. Qual é o problema? Se ele cometeu algum erro, ele será julgado tanto quanto qualquer um dos 190



milhões de brasileiros que cometerem erros.

**Jornalista:** Presidente, qual é a sua crítica à imprensa? Ela virou partido político, como diz o José Dirceu, ou ela cumpre com o PT o mesmo papel que o PT estimulava cumprir, no governo dos outros partidos?

**Presidente:** Kennedy, eu não sou julgador da imprensa. Eu acho que quem julga a imprensa são os leitores, os telespectadores e os ouvintes. Eu acho que a imprensa tem o papel de informar a sociedade. Toda vez que a imprensa vira chapa-branca o povo conhece, e toda vez que vira raivosa contra o governo o povo conhece, daí porque a minha tranquilidade. A única coisa que eu posso dizer é o seguinte: no frigor dos ovos, o que sobra é a verdade.

**Jornalista:** O senhor concorda com a revisão dos critérios de concessão de TV no Brasil? O senhor vai, de alguma forma, encampar algumas propostas do PT nesse sentido, pretende fazer um novo marco regulatório?

**Presidente:** Olhe, uma coisa mal-interpretada cria uma confusão que às vezes não tem retorno. Eu vou te contar, para falar da imprensa, da questão da concessão, a questão da Ancinav. Nós estávamos no Ministério da Cultura trabalhando uma proposta, ouvindo segmentos da sociedade sobre a questão da Ancinav. De repente, começa a haver uma grita da imprensa, de alguns artistas contra. Eu me dei conta de que a gente estava apanhando por uma coisa que não tinha sido discutida no âmbito do governo. Então, eu convoquei aqui, nesta mesa, uma reunião com os ministros que tinham a ver com a proposta: Ministro da Cultura, Ministro da Indústria e Comércio, Ministro da Secom, Ministro da Justiça, Ministro da Fazenda, acho que eram esses os ministros que participavam. Eu quis ouvir cada ministro sobre a proposta e comecei assim: o companheiro Furlan não concordava porque tinha





divergência com a proposta, o companheiro Márcio Thomaz Bastos não concordava porque tinha divergência com a proposta, o companheiro Gushiken não concordava, o companheiro Palocci não concordava. Aí, eu descobro que até o ministro Gil tinha discordâncias, porque aquilo era um esboço, ainda não era nem uma proposta acabada para ser discutida no governo. Mas nós apanhamos três meses. Esse negócio das concessões, veja, o governo tem que fazer a renovação das concessões a cada 15 anos. Normalmente, quem encaminha essas concessões para o Congresso Nacional é o ministro das Comunicações. Acontece que nós estamos vivendo uma revolução no País. As telecomunicações estão passando por uma revolução tecnológica, que é preciso um robô para acompanhar esses avanços cotidianos.

O que eu tenho ponderado ao ministro das Comunicações? É preciso que a gente comece a analisar se todas as concessões estão cumprindo aquilo que se comprometeram a cumprir. Se estiverem se comprometendo a cumprir, ótimo, vai para o Congresso, não tem problema. Se não estiverem, nós temos que chamar aqui para cumprir, afinal de contas, tem contrato.

**Jornalista:** O senhor acha que estão cumprindo?

**Presidente:** Agora, tem um ingrediente a mais. Tem uma decisão da Comissão de Ciência, Tecnologia e Comunicação da Câmara, que estabeleceu um outro roteiro, uma série de diretrizes. Então, eu pedi para o Hélio Costa mandar para todas as empresas que têm renovação essa nova decisão da Comissão da Câmara. Um ato normativo para que isso seja cumprido. Agora eu vou contar um dado: tinha uma que tinha que pedir a renovação há dois anos e não pediu.

**Jornalista:** Aí, não vai dar para renovar.

**Presidente:** Vamos ter que tomar uma decisão.



**Jornalista:** A reportagem da Folha visitou uma família que, segundo uma pesquisa da Fundação Getúlio Vargas, integrava aquele contingente de 6 milhões de pessoas que haviam deixado a miséria. No entanto, a reportagem constatou que a família comia carne uma vez por semana, que algumas refeições não eram feitas, que as crianças andavam descalças, que viviam na miséria real. Eu pergunto: não é pouco, diante das expectativas que as suas duas eleições geraram? Não é pouco essa alardeada melhoria social que o seu governo fez, Presidente?

**Presidente:** Não. É muito.

**Jornalista:** Mas o senhor concorda que uma situação dessa é uma situação...

**Presidente:** Veja, nós temos 190 milhões de habitantes, você vai visitar uma família e quer fazer o julgamento dos programas sociais?

**Jornalista:** São várias.

**Presidente:** Não. Isso, em qualquer metodologia do Datafolha, tem um percentual de tolerância das coisas acontecerem ou não. É muito pouco...

**Jornalista:** O senhor não acha que fez pouco, não? Pela expectativa que sua eleição gerou?

**Presidente:** Veja, Kennedy, nós fizemos muito neste País e, certamente, falta muito para fazer. Hoje - eu disse no meu pronunciamento -, me considero o presidente da República mais satisfeito e, ao mesmo tempo insatisfeito. Satisfeito pelo que fiz e insatisfeito porque é preciso fazer muito mais ainda.



Mas que nós tivemos um começo muito bom, nós tivemos.

**Jornalista:** Essa história: “Nunca houve tanto recurso para pobre no Brasil, é isso?” Qual vai ser a grande marca que o senhor vai deixar na sua Presidência?

**Presidente:** Ela está sendo construída. Eu tenho mais três anos e meio de mandato.

**Jornalista:** Mas, qual o senhor quer deixar? É o carinho com os pobres, como o senhor fala, ou não?

**Presidente:** Eu acho que nós temos que deixar para este País um País com menos gente pobre, com os pobres comendo melhor, com mais crescimento industrial, com mais educação. É isso que nós queremos deixar.

**Jornalista:** Presidente, o Banco Central deu sinais de que vai interromper o processo de queda dos juros. O senhor acha que já é hora de parar de diminuir a Selic, que está ali em 11,25%?

**Presidente:** Não.

**Jornalista:** O senhor acha que não?

**Presidente:** Não acho.

**Jornalista:** E se parar?

**Presidente:** Kennedy, as pessoas um dia precisam reconhecer que no nosso



governo parou essa bobagem de falar de autonomia e de independência do Banco Central. Porque essas coisas você faz na prática, você não precisa ficar dizendo todos os dias. O Banco Central tem autonomia para cuidar da política monetária brasileira e tem acertado até agora. Os números da economia brasileira não são pouca coisa. Falta apenas o reconhecimento público de alguns setores, que tenho a impressão de que torcem para não dar certo, mas os números são exitosos.

**Jornalista:** Mas o senhor acha que não deve parar. E se o Banco Central parar?

**Presidente:** Se o Banco Central parar, ele vai explicar a razão pela qual parou.

**Jornalista:** Não tem crise?

**Presidente:** O dado concreto é que a minha orientação para o companheiro Meirelles e para o companheiro Guido Mantega é a seguinte: a gente estabelece uma banda, uma meta de inflação...

**Jornalista:** Perfeito, de 4,5%.

**Presidente:** ...de 4,5%, com uma banda de dois para mais e uma banda de dois para menos, e a gente não pode ficar brincando. Sabe o que isso me lembra? Criança que não gosta de estudar. A prova vale cinco e ela estuda para ter cinco, ela não quer ter seis. Então...

**Jornalista:** Média cinco. Ela estuda para pegar a média, não é?

**Presidente:** O meu dilema é o seguinte, tem gente que fala: "Ah, mas se



chegar a 5%, não tem problema, se chegar a 5,5% não tem problema”. Não. Eu quero manter na meta. Eu não quero brincar com a inflação, porque se a inflação voltar e atingir 7%, 8%, a gente não controla mais. Então, eu quero controlar.

**Jornalista:** No livro do Palocci, ele fala que o senhor foi o mais conservador ao defender uma meta de inflação mais complicada de ser atingida, que aquilo foi muito duro de ser atingido. O senhor acha que foi a decisão correta?

**Presidente:** Sabe por quê? Porque eu vivi de salário a vida inteira. Eu ainda tinha uma conta no banco, tinha conta remunerada. Então, a inflação para mim não era tão grande. Mas um trabalhador que ganha 400 reais por mês e não tem conta no banco, se a inflação está a 40%, significa que a cada mês ele vai poder comprar 40% menos. Então, para mim, a inflação é um valor sagrado, ela não pode subir e nós vamos fazer qualquer sacrifício para que ela não suba.

**Jornalista:** Presidente, o que senhor faz no tempo livre do senhor, em Brasília?

**Presidente:** Eu não tenho tempo livre, Kennedy.

**Jornalista:** No final de semana?

**Presidente:** Não tenho, Kennedy. Aí é que eu me sinto isolado.

**Jornalista:** Por quê?

**Presidente:** Porque quando posso, passo com os meus filhos. Eles não



querem vir para Brasília, raramente estão vindo.

**Jornalista:** Por que eles não querem, têm a vida deles?

**Presidente:** Porque cada um tem a sua vida, cada um tem a sua namorada, cada um tem as suas coisas para fazer, cada um faz a sua vida. Eu não posso convidar um ministro, porque eu tenho 30, então eu vou criar ciúmes nos outros.

**Jornalista:** O senhor fica muito sozinho no final de semana, o senhor e a dona Marisa?

**Presidente:** Muito.

**Jornalista:** Aí fica pescando aqueles peixes pequenos, aquelas piabinhas, que o senhor fala que têm 10 quilos, é isso?

**Presidente:** Muito sozinho, não. Em 90% dos meus domingos, ficamos eu e Marisa sozinhos. Aqui, em Brasília, nunca fui a um jantar, nunca fui a um aniversário, nunca fui a um restaurante. A minha vida é Palácio do Planalto...

**Jornalista:** Para um restaurante já foi, foi no Rosental uma vez.

**Presidente:** É, eu fui ao Rosental.

**Jornalista:** São raras, raras ocasiões.

**Presidente:** Eu não vou, sabe por que eu não vou? Eu fui uma vez, você disse bem, eu fui uma vez ao Rosental, em quatro anos e meio. Por que eu não vou?



Primeiro, porque eu não quero atrapalhar as pessoas. O Presidente da República, quando vai a um lugar, vai um monte de gente ver, vai um monte de seguranças, eu não quero.

**Jornalista:** O senhor não foge de vez em quando, não?

**Presidente:** Não, eu não fujo.

**Jornalista:** Sai sozinho?

**Presidente:** Eu conheço história de presidente que fugia.

**Jornalista:** Aí o que o senhor faz com a dona Marisa, lá, fica vendo filme, pescando?

**Presidente:** Vemos filmes, vemos televisão, pescamos, andamos, conversamos.

**Jornalista:** O casamento está bom, então? O casamento está uma maravilha?

**Presidente:** Sempre esteve bom.

**Jornalista:** O senhor tira uma sesta todo dia, dá uma dormidinha, depois do almoço? Chega a colocar pijama, como o JK fazia?

**Presidente:** Não. É que aquele era um tempo, talvez, mais fácil para governar. Eu, às vezes, saio daqui para almoçar às duas horas da tarde, às duas e meia. Às vezes eu chego em casa às três horas para almoçar. Tem dia que eu volto para cá muito nervoso, porque o tempo que eu tenho para almoçar é menos do



que quando eu trabalhava das duas às 10, das 10 às seis, das seis às duas, que era tempo corrido, e eu tinha meia hora para almoçar. Agora, quando eu tenho tempo para descansar 20 minutos é um alívio, porque a gente ganha uma tarde nova.

**Jornalista:** Aí, o senhor dá uma dormidinha.

**Presidente:** Uma cochilada.

**Jornalista:** Uma cochilada. Onde? Em casa, no Alvorada?

**Presidente:** Em casa, eu vou almoçar em casa todos os dias.

**Jornalista:** Presidente, o senhor acorda a que horas, dorme quantas horas por noite, faz exercícios?

**Presidente:** Eu durmo cinco horas por noite, quatro e meia. Acordo todo dia entre cinco e meia, seis horas da manhã.

**Jornalista:** Não é pouco, não? É suficiente?

**Presidente:** É pouco. Ando todos os dias, faço ginástica, faço alongamento.

**Jornalista:** Quanto tempo? Todos os dias o senhor anda?

**Presidente:** Todos os dias.

**Jornalista:** Como é que está o peso?





**Presidente:** O peso deve estar nos 84 quilos.

**Jornalista:** Isso significa o quê?

**Presidente:** Mas estou, agora, fazendo regime, e eu vou chegar a 80 quilos. Essa ginástica, esse exercício físico, eu acho que isso me deixa com bom-humor todo dia. Eu não tenho motivo para não ter bom-humor.

**Jornalista:** É, mas o senhor é mal-humorado várias vezes, tem essa coisa de xingar, de vez em quando.

**Presidente:** Mas é um bom-humor isso aí. Não, eu tenho um jeito de ser que não vou mudar. Eu sou um cara que cobro dos meus companheiros ministros.

**Jornalista:** Nessa coisa de falar um palavrão, de soltar as informalidades?

**Presidente:** Isso faz parte. Um palavrão, quando soa como força de expressão, ele é bonito.

**Jornalista:** Está certo.

**Presidente:** Ele é feio quando ele é...

**Jornalista:** Xingamento?

**Presidente:** ...falado fora de hora. Eu sou assim.

**Jornalista:** Quais são os programas de TV favoritos do senhor, o que o senhor vê na TV brasileira?



**Presidente:** Deixe-me contar uma coisa para você. Eu sou um cara que tem a seguinte filosofia de vida: eu não gosto de nada que me deixe tenso, na televisão ou no cinema. Não me convide para ver um filme de terror ou de suspense.

**Jornalista:** Não quer ver?

**Presidente:** Eu não quero ver, eu quero me divertir. Quanto mais avacalhado for o programa, melhor para mim.

**Jornalista:** O que o senhor gosta na televisão brasileira?

**Presidente:** Eu gosto muito de documentário.

**Jornalista:** Documentário. Mas, aí, o senhor vê na TV a cabo?

**Presidente:** Na TV a cabo.

**Jornalista:** Que tipo de documentário, que canal o senhor gosta de ver?

**Presidente:** Documentário sobre o Brasil, documentário sobre a América Latina, documentário sobre a guerra mundial. Esta semana eu vi um documentário excepcional sobre plataforma de petróleo.

**Jornalista:** Passou onde?

**Presidente:** Passou, eu acho, na GNT. Outro dia, eu vi um documentário espetacular sobre a borracha.



**Jornalista:** Mas, na TV aberta, o senhor vê novela, por exemplo? O que o senhor gosta de ver na TV aberta? Futebol?

**Presidente:** Deixa eu te contar, eu não tenho tempo de ver televisão, como eu tinha antes.

**Jornalista:** Nem no final de semana, Presidente?

**Presidente:** Não tenho tempo. Eu vejo, eu ganho muitos filmes.

**Jornalista:** Qual foi o último filme que o senhor viu e que o senhor gostou?

**Presidente:** Eu ganhei uma coleção de filmes brasileiros extraordinária. Eu ouço muita música.

**Jornalista:** Que música o senhor está ouvindo e que o senhor gosta?

**Presidente:** Tudo que você possa imaginar. O mais recente é o DVD do Toquinho, que é excepcional, de músicas antigas.

**Jornalista:** O senhor tinha fama de não gostar da cidade de Brasília. O que o senhor acha, agora, depois de viver cinco anos em Brasília?

**Presidente:** Veja, o pior é que eu não vivo em Brasília. Eu vivo no Palácio do Planalto e no Palácio da Alvorada. É muito diferente de viver em Brasília. Vive em Brasília quem consegue ir ao shopping, quem consegue ir ao restaurante à noite, quem consegue ir tomar um chopinho no bar do Jorge, no Feitiço Mineiro.



**Jornalista:** Presidente, o senhor já disse não que não vai estudar no exterior quando o senhor deixar o governo. Mas eu queria saber, o que senhor planeja fazer? O senhor não tem medo de sofrer de uma depressão pós-poder? Do que o senhor vai sentir mais falta quando deixar de ser presidente? Ter essa coisa afrodisíaca, essa adrenalina, e perder isso?

**Presidente:** Eu sou um homem vacinado. Se você olhar no meu braço, vai perceber que eu tenho uma vacina, que é disso. Eu sei, ao longo da história, a dificuldade das pessoas viverem sem a corte, depois de passar tanto tempo com a corte. E, por conta disso, muita gente erra na política, muita gente cai em depressão, muita gente não se dá conta de que perdeu, acabou o mandato, tem que fazer outra coisa. Eu pretendo viver a minha vidinha tranqüila. Eu – você conhece – pretendo voltar, no meu sábado e domingo, lá para o meu terreninho em São Bernardo do Campo, fazer o meu feijãozinho, fazer o meu coelhinho na panela de ferro, fumar um cigarrinho de corda sentado perto do fogão a lenha. E obviamente que vou continuar tendo atividade política, mas não quero nada de cargo, não quero voltar para a direção do PT, não quero nada.

**Jornalista:** O senhor tomava a sua cachacinha, tomava o seu chope. Por que naquele episódio do Larry Rohter, que ele colocou daquela maneira, o senhor agiu daquele jeito? Incomoda o senhor essa coisa, de falarem: “Ah, o Lula bebe”, que o senhor beberia demais?

**Presidente:** Não incomoda. O que incomoda é a mentira. O que incomoda é a desfaçatez. Eu duvido que tenha um jornalista no Brasil que tenha me visto bêbado. Duvido que tenha um companheiro meu do PT que tenha me visto bêbado. Duvido que tenha um militante do movimento sindical que tenha me



visto bêbado. E eu digo para todo mundo ouvir: a última vez que eu bebi foi quando o Brasil perdeu da Holanda, de 2 a 0, na Copa do Mundo de 1974. Foi a primeira vez que eu vi televisão em cores, a gente tinha fechado o sindicato para comemorar a vitória do Brasil. O Brasil perdeu e a gente bebeu, de tristeza. Eu estava casado com a Marisa há um mês e cheguei em casa travado. Depois disso, eu duvido. Então, eu fiquei furioso porque, como é que pode um cidadão que nunca conversou comigo, que nunca me viu, que nunca tomou um copo de cerveja comigo, que nunca tomou um copo d'água comigo, fazer uma matéria de que eu bebia? Isso me deixou muito furioso. Se é um companheiro que está comigo num bar e está me vendo tomar dois uísques, escreva que eu tomei dois uísques, que estará falando a verdade. Então, eu fiquei muito furioso. Eu fiquei muito furioso, por que se as pessoas perguntam para mim: "Lula, você bebe?" Eu falo: "Bebo". Gosto, gosto de tomar um uísquezinho, não gosto de cerveja, não gosto muito de vinho. Agora, eu estou falando de 33 anos. Eu duvido, desafio alguém a dizer que já me viu bêbado. Então, isso me deixou chateado, uma matéria gratuita. Fazia parte, na verdade, Kennedy, aquela matéria fazia parte de um momento...

**Jornalista:** De uma coisa de preconceito contra o Lula: "Ah, esse cara..."

**Presidente:** ...em que as pessoas queriam construir uma imagem negativa do Lula. Aliás, passaram grande parte do primeiro mandato tentando fazer isso.

**Jornalista:** Presidente, depois do que disse o Dualib, aquela coisa, o senhor acha, como corintiano, que o título nacional de 2005 deveria ser dado ao Inter?

**Presidente:** O que falou o Dualib? Eu não sei.

**Jornalista:** Falou que ganhou aquele jogo com um gol roubado, aquela coisa e



tal.

**Presidente:** Não, aquele título do Corinthians foi um título... é um título que a gente quase nem comemora porque aquilo foi num ranha, ranha, ranha... perdeu quase todos os jogos até chegar ao título. Se você vai anular um título a cada vez que se rouba, você tem que tirar da Argentina a Copa de 90, você tem que tirar... Isso vai criar um problema internacional.

**Jornalista:** Vai criar um problema internacional, então... Presidente, o Itamaraty constatou que aqueles boxeadores que voltaram para Cuba com a ajuda do governo brasileiro estão abandonados e não têm perspectiva de retomar suas carreiras. O senhor não poderia interferir, já que o senhor é amigo do Fidel, ou seja, não poderia ajudar os boxeadores lá?

**Presidente:** Kennedy, deixe-me contar-lhe uma história. Criou-se uma celeuma em função dos boxeadores. O Ministério da Justiça fez exatamente o que deveria fazer. Os boxeadores vieram aqui, teve um Procurador que participou, e eles queriam ir embora.

**Jornalista:** Mas não incomoda o senhor saber que o governo cubano está tratando mal...

**Presidente:** Não, o que incomodaria era eu atender alguns brasileiros que queriam que eu criasse um problema internacional com Cuba, e eu não queria criar porque, dentro da legalidade, os cubanos foram embora. Se eles pedissem para ficar, era outra história. Eles não pediram.

Não tem segredo, Kennedy. Eu vou contar uma coisa. Eu acho que nós discutimos pouco a economia, nesta entrevista.



**Jornalista:** O que o senhor queria falar sobre economia?

**Presidente:** Eu acho, Kennedy, que é importante atentar: eu tenho viajado muito pelo mundo e, muitas vezes, fico boquiaberto de ver a imagem que o Brasil conseguiu construir no mundo junto à classe política, junto à classe empresarial e, muitas vezes, aqui no Brasil a gente não vê isso, a gente não vê. Não é o reconhecimento do governo, mas é o momento do Brasil, em que você precisa passar uma dosagem de otimismo muito grande, porque o ser humano é movido a isso, à crença, à fé, à esperança. Ele tem que acreditar que as coisas vão dar certo. Você percebe? Vamos pegar o leilão de ontem. Eu espero que o leilão de ontem sirva de lição ao Brasil. É importante lembrar a participação dos espanhóis, e é importante lembrar a diferença do que nós fizemos agora para o que foi feito anteriormente.

**Jornalista:** Não é privatização do mesmo jeito, Presidente?

**Presidente:** Não foi nem privatização naquela época, nem é privatização agora.

**Jornalista:** Mas na campanha contra o Alckmin, o senhor...

**Presidente:** Eu nunca falei em privatização de estrada, porque eu aprendi – eu não sou tão culto – mas eu aprendi a diferença entre concessão e privatização. O que é importante, que aconteceu agora, é que nós abrimos mão da outorga. Por quê? Porque o objetivo da concessão era permitir que você garantisse que o empresário administrasse aquela estrada, pudesse fazer os investimentos necessários e o usuário ganhasse o máximo possível. Não era para o Estado ter dinheiro, era para o usuário conquistar as coisas. Então, a participação dos espanhóis, ontem, é o resultado da imagem que eles têm do Brasil.



**Jornalista:** Essa viagem recente, lá, o senhor acha que ajudou isso?

**Presidente:** Eu acho que ajudou, ajudou e muito. E eu penso que está provado que nós fizemos as mudanças necessárias. Tinha muita gente descrente que não ia ter... até o meu amigo Requião apresentou um lance maior e perdeu. A minha tese é a de que o Brasil se encontrou consigo mesmo. Tem algumas pessoas que ainda não querem crer, tem algumas pessoas que ainda estão azedas, tem algumas pessoas que ainda torcem...

**Jornalista:** Mas por que não querem crer? É oposição política?

**Presidente:** Eu não sei. Às vezes, eu fico com a impressão de que tem gente – e não é comigo, não – que torce sempre para o governo fracassar porque acha que vai ganhar com isso, o que é uma bobagem. Todos nós precisamos torcer para todos os governos darem certo, porque o povo vai ganhar com isso e a oposição vai aprender a fazer propostas mais positivas, mais importantes.

**Jornalista:** Qualifica mais o debate.

**Presidente:** Qualifica mais o debate. Então, eu acho que o Brasil está vivendo este momento. Se você analisar as concessões feitas nas ferrovias, você vai perceber que a Vale do Rio Doce deu outra lição do que foi feito – eu até pedi para a Dilma dar uma entrevista, mostrando a diferença. Na concessão passada, foi feita a concessão de 25 mil e 900 quilômetros de ferrovia, com estação de trem, com vagão, com locomotiva, com oficina, tudo a 70 mil dólares o quilômetro. Nós fizemos a concessão, agora, para a Vale do Rio Doce, a 1 milhão de dólares o quilômetro, e a Vale acha que fez um bom negócio.





**Jornalista:** O senhor acha que as privatizações anteriores não foram bem executadas, então?

**Presidente:** Eu não sei. Eu não vou fazer julgamento. O dado concreto é que os pedágios são muito caros.

**Jornalista:** E não há risco, agora, disso?

**Presidente:** Agora, como vai ficar? Porque quanto mais tráfego tiver, mais barato deve ser o pedágio. Como é que vai ficar agora, a Fernão Dias a 0,90 centavos, e a Dutra a 7 reais?

**Jornalista:** Por que essa diferença tão grande?

**Presidente:** Eu só espero que o povo sinta.